



O ENSINO DE GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE NA SOCIOLOGIA: UMA RUPTURA DE ESTEREÓTIPOS

Michelly Dayane Araújo de Moura¹

Nadyne Maria Marinho dos Santos²

Iolanda Barbosa da Silva³

RESUMO:

Os estudos sobre os conteúdos de Gênero, Sexualidade e Identidade no Ensino Médio têm sido inviabilizados no ensino de Sociologia, por meio de concepções e preconceitos que exaltam estereótipos sociais demarcados pela cultura brasileira. Além disso, o Currículo da Paraíba (2019), em Sociologia, não insere estes conteúdos em sua proposta, o que dificulta a discussão em sala de aula no Ensino Médio. Este trabalho busca relatar as observações de campo, registradas em diário, a partir das sequências didáticas trabalhadas em um componente eletivo, previsto no novo ensino médio: “Toda forma de amor vale a pena, toda forma de amor valerá”, realizado em uma Escola Cidadã Integral na cidade de Queimadas na Paraíba. A eletiva teve como intuito problematizar sociologicamente as temáticas Gênero, Sexualidade e Identidade, destacando as formas e figurações tratadas na sociedade, utilizando teóricos do campo de investigação dos estudos culturais. As observações evidenciam a necessidade de ampliação das discussões e a perenidade da temática no projeto político pedagógico da escola para a construção de uma nova mentalidade entre os jovens de modo a romper com as “pré-noções” e estigmas, como pressupõe a pedagogia histórico-crítica ao nos fazer compreender a necessidade de uma práxis ativa através da aprendizagem em sala de aula e sua efetividade no processo de socialização dos jovens, particularmente na desconstrução de perfis e modelos conservadores.

Palavras- chave: Gênero, Sexualidade, Identidade, Sociologia, Pedagogia Histórico-Crítica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi fruto de um artigo relatório exigido para conclusão do Estágio Supervisionado III, sendo ele o último componente curricular obrigatório dessa categoria no

¹ Graduanda do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, michelly.moura@aluno.uepb.edu.br;

² Graduanda do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, nadyne.santos@aluno.uepb.edu.br;

³ Doutora pelo curso de Sociologia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Orientadora da Residência Pedagógica em Sociologia. iolarbarbsilva@servidor.uepb.edu.br



curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba. Nele os discentes devem colocar em prática tudo aquilo que aprenderam durante a graduação, tanto as teorias quanto as metodologias de pesquisa e ensino. Nesse estágio, em específico, deve-se elaborar um projeto de intervenção para ser aplicado na escola, no ensino médio, acatando a demanda dos estudantes e do professor(a), levando em consideração a realidade da escola e da sequência didática dos conteúdos já ministrados em sala de aula. A ideia do projeto é que ele seja baseado no currículo da escola, e que sejam temáticas trabalhadas de maneira didática e prática.

Por isso, a ideia foi elaborar uma eletiva que abordasse Gênero, Sexualidade e Identidade. Ela surgiu no Estágio anterior realizado na mesma escola, quando se percebeu a curiosidade dos estudantes em relação à temática, mas também na forma preconceituosa deles tratarem alguns colegas dentro da escola. O objetivo da eletiva foi que os estudantes compreendessem sobre o tema tanto quanto a si mesmos, além de tentar promover o respeito entre eles em sala de aula, e que estes pudessem levar essa prática e vivência no espaço escolar para fora dos muros da escola.

A eletiva foi uma oportunidade de podermos mediar debates com assuntos que não estão sendo abordados no currículo do ensino de Sociologia, de forma didática e dialógica, apresentando ao final das atividades os fanzines e cartazes produzidos pelos estudantes e estagiárias. Em consonância com as atividades desenvolvidas, elaborou-se um vídeo para o projeto de culminância da eletiva, que envolveu todos os agentes participantes da eletiva e a retomada dos assuntos debatidos em sala.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica que norteou a execução do projeto da eletiva foi a pedagogia histórico-crítica (Silva, 2019) e a pesquisa participante (Minayo, 2001), além da aplicação de metodologias ativas nos encontros presenciais por meio dos questionamentos postos no decorrer dos debates em sala de aula e na socialização das vivências dos estudantes.

A principal metodologia utilizada foi a de observação participante (Minayo, op cit), objetivando desenvolver junto aos alunos os temas que eram propostos em sala de aula, além de criar uma conexão entre as estagiárias que estavam propondo as intervenções e aqueles/as que estavam questionando-as.

A pedagogia histórico-crítica, por si só, já traz à docência a possibilidade de reinventar a maneira de ensinar com problematizações numa perspectiva dialética. Portanto, a sua



aplicação em sala de aula desperta o interesse crítico dos estudantes em conhecerem os conteúdos e a sociologia, como descrito no presente artigo. Esta abordagem pedagógica assegura a autonomia e a voz à todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, para que os estudantes se sintam parte da produção do conhecimento, além de criticarem sua própria realidade, construindo assim um mundo mais consciente e crítico de suas próprias problemáticas. O intuito não é de que o professor não seja expositor, mas que lado a lado com o estudante e com o uso de materiais didáticos interativos a relação ensino-aprendizagem seja facilitada e aproximada das vivências dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. A escola e o sistema de ensino

A escola se tornou o centro de atuação política dos estudantes e professores, o “palco” para a execução de todas as atividades realizadas na eletiva intitulada de *Toda forma de amor vale a pena, toda forma de amor valerá* que só foi possível devido o contexto atual que o sistema de educação básica está vivendo, com um crescente neoconservadorismo nas práticas docentes. A escola Francisco Ernesto do Rêgo, ou como popularmente conhecida “Ernestão”, é uma ECIT (Escola Cidadã Integral Técnica) que oferece os cursos técnicos de Vendas e Informática, aderidos após a reforma do novo ensino médio, além de outros itinerários formativos. Os “IF's”, como são chamados, são compostos por cinco áreas, sendo elas: a área de ciências humanas e sociais aplicadas, área de linguagens e suas tecnologias, área de naturezas e suas tecnologias e área de matemática e suas tecnologias e a área do ensino técnico.

De fato na teoria as escolas integrais e técnicas parecem ser, aos olhos externos, uma alternativa para solucionar os problemas acerca da baixa qualidade do ensino-aprendizagem no nosso país, já que aumenta-se o tempo do estudante no espaço escolar com um novo currículo e um corpo docente, em tese, com maior controle sob os discentes, sua participação e frequência na escola; entretanto, essa proposta agravou outras problemáticas, como: a evasão, o desinteresse dos estudantes, o sucateamento dos componentes considerados “não importantes”, falta de investimento em infraestrutura, desvalorização do trabalho docente e o apagamento da individualidade dos estudantes.



Os Estados possuem autonomia para implantar em seus sistemas de ensino uma política de tempo integral e um currículo que, em teoria, irá se adequar ao contexto particular dos tipos de escolas que compõem o sistema. No caso do Ernestão, localizado o município de Queimadas, e em toda a Paraíba foram implementados os Itinerários chamados propedêuticos, em que os professores de qualquer área podem propor uma eletiva do seu interesse, além de possuírem a disciplina “Projeto de Vida” que compõe um dos itinerários formativos. Ou seja, mesmo tendo a reforma do ensino médio (Lei 13.415/2017) e a BNCC⁴ (Base Nacional Comum Curricular, 2018) como parâmetro do que deve ser aplicado, a nova Proposta Curricular da Paraíba (2020) não exige um padrão a ser seguido por todas as escolas.

A eletiva podendo ser oferecida por qualquer área de conhecimento é uma possibilidade dos professores conseguirem darem aulas sobre temas que possuem afinidade ou conheçam, ou que os próprios estudantes entrem em contato com os professores para ministrarem conteúdos que são do seu interesse. Fazendo um adendo quanto a questão das eletivas ministradas pelos professores de qualquer área o que parece viável e interessante, mas levanta dois pontos de análise: a) Ao dar poder à todos os professores de ministrarem eletivas independente da área faz com que eles ministrem “qualquer coisa”, sem estabelecerem, necessariamente, relação com a sua formação e o currículo, o que é visível a partir dos noticiários que saem na internet; e b) Por mais que a BNCC (2018) já venha com as possibilidades curriculares do novo ensino médio, a Proposta Curricular da Paraíba, a qual se sustenta na Base, não deixa explícito, no texto, que as disciplinas de Sociologia e Filosofia possam ofertar uma eletiva, apenas História e Geografia. Isso nos mostra que de fato todas as áreas podem ofertar uma eletiva, mas que não foram todas as disciplinas contempladas, mostrando como Sociologia e Filosofia seguem sendo desvalorizadas.

1.1 A formação da eletiva

O projeto da eletiva começou a ser produzido antes do início das aulas em março de 2023 pela necessidade de aprovação do professor supervisor da escola, com o qual seria feito o projeto, da coordenação de área e também da gestão da escola. Ou seja, não é simplesmente o

⁴A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (retirado do site da BNCC)



desejo do professor e dos estudantes que servem de motivação para que as eletivas aconteçam na escola, pois estas precisam estar em sintonia tanto com a BNCC quanto com o currículo do Estado, que prevê:

Sendo assim, na elaboração do planejamento, devemos pensar no passado, porém vislumbrando o futuro do estudante, com o cuidado de relacionar os Projetos de Vida com o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a Proposta Curricular do Novo Ensino Médio do Estado da Paraíba, para que haja um ponto convergente com a educação do século XXI. (Seção “3.7.4 MODELO DE PLANEJAMENTO DA ELETIVA”, p. 804)

Desta forma, além de pensar em toda a sistematização da eletiva, o/a professor/a deve adequar a mesma ao currículo adotado no ensino básico, com a finalidade de atingir as competências e habilidades postas no documento. Dessa maneira, a elaboração do projeto iniciou-se com o debruçar-se sobre a BNCC e o Currículo da Paraíba, para definirmos os objetivos e verificarmos se eles estavam em conversação com o Currículo. Em síntese, a eletiva buscou promover junto aos estudantes uma desnaturalização, criticidade e uma maior interpretação textual do que foi abordado com a temática o que é Gênero, Sexualidade e Identidade.

O planejamento da eletiva se dividiu em 03 (três) blocos, vejamos: O primeiro bloco iniciou com a discussão teórica do que é Gênero, Sexualidade e Identidade. Já no segundo bloco foram apresentadas as questões históricas e políticas do movimento LGBTQIAP+ e do movimento feminista. No último bloco, discutiu-se as vivências do dia a dia dos estudantes com o envolvimento da/na família e da/na religião. Cada bloco correspondia a um total de 2 (dois) meses; porém, o planejamento acabou sendo maior que a quantidade de dias que tínhamos para ministrar as aulas/encontros; mesmo assim, em todas as discussões conseguimos abordar o que estava sendo proposto no projeto da eletiva, com o auxílio das dúvidas e inquietações que eram proporcionadas pelos estudantes. Então mesmo que não tenhamos nos aprofundado nos temas de religião e famílias, esses temas foram abordados a partir das discussões feitas em sala com as narrativas das vivências dos estudantes.

A eletiva foi ofertada no que é chamado de “*Feirão de Eletivas*” onde cada escola escolhe a preferência de como vão apresenta-las aos alunos. No caso da escola Francisco Ernesto do Rêgo, o Ernestão, eles decidiram passar um pequeno vídeo de apresentação de todas as eletivas que seriam ofertadas para os estudantes. Nossa eletiva foi escolhida a princípio por



oito estudantes, durante o andamento das atividades e por falta de vagas nas outras eletivas, esse número subiu para treze e finalizou com dezoito inscritos; porém, apenas dez estudantes com frequência. Após o Feirão, chegou a informação por outros estudantes que nosso vídeo da eletiva não havia passado em suas respectivas turmas, e por isso não se inscreveram. Junto a isto nos foi designada uma sala consideravelmente “complicada” quanto ao acesso à internet que possibilitasse apresentar algum vídeo ou filme aos estudantes. Mesmo com esses empecilhos seguimos em frente com o conteúdo que tínhamos planejado, tendo que adequar as aulas/encontros para o contexto, infraestrutura e tecnologias disponíveis.

A sequência didática da eletiva ficou da seguinte forma:

Quadro 01:

Assuntos:	Autores e atividades
Explicação do objetivo da eletiva/ Explicação do nome da eletiva	Discussão sobre a escolha da eletiva e seus conhecimentos prévios sobre as temáticas
O que é gênero?	Simone De Beauvoir
O que é sexualidade?	Anthony Giddens
Convidado para falar sobre a vivência de pessoas trans na sociedade	Reflexão acerca da realidade de pessoas trans no Brasil
O que é identidade?	Stuart Hall e Guacira Louro
Produção de fanzines	Elaboração visual, textual e estética dos alunos com auxílio das professoras
Planejamento para culminância	Conversa planejadora com os alunos e definição das temáticas que seriam expostas nos cartazes
Produção de cartazes para culminância	Elaboração visual, textual e estética dos alunos com auxílio das professoras
Apresentação de um mini vídeo sobre a eletiva com professores e alunos	Vídeo exposto no canal do Youtube da escola

Fonte: Elaboração das autoras

Como é percebido com a sequência didática apresentada acima, os estudantes do ensino médio tiveram a possibilidade de conhecer autores que compõem a teoria sociológica



contemporânea, buscamos de maneira didática apresentar o saber da Sociologia para que eles correlacionassem com a realidade exposta por nós e por eles mesmos.

Dentro da sala mediamos também algumas atividades participativas gerando um ambiente de confiança em nós, para que se sentissem à vontade na sala e socializassem suas dúvidas e vivências, sabendo que era um lugar seguro e de aprendizado mútuo que na prática pedagógica se tornou bastante produtivo mesmo que, como todo início, tenha sido difícil. Dentro da sequência didática foi possível explorar as questões religiosas, raciais/étnicas e políticas, pois dentro dessas temáticas as estagiárias e os estudantes conseguiram fazer conexões conceituais e práticas.

As aulas/encontros dialógicos e expositivos com os estudantes trouxeram resultados positivos na compreensão deles sobre gênero, sexualidade e identidades, pois tiveram a oportunidade de conhecer o pensamento de Simone de Beauvoir, Stuart Hall, Giddens e Guacira e conseguiram elaborar comentários citando os autores. Nosso desafio era transpor didaticamente essa teoria densa numa medição pedagógica cujas intencionalidades gerassem aprendizagem. As evidências das aprendizagens apareceram nos textos produzidos pelos estudantes; pois quando trabalhamos com Anthony Giddens a compreensão conceitual foi quase imediata, e claro que com a mediação da nossa exposição e explicação os conceitos se tornaram mais compreensíveis para estudante do ensino médio. O fato é que, nas aulas/encontros, mesmo com uma parte teórica mais densa se comparada às outras eletivas, ofertadas na escola, os estudantes conseguiram demonstrar o seu aprendizado em suas participações em sala e majoritariamente através das atividades solicitadas.

As atividades de fanzine⁵ foram desenvolvidas com as temáticas de Gênero e Sexualidade, e na sua execução os estudantes foram divididos em grupos para uma melhor divisão das tarefas e para que todos pudessem participar. Durante a produção, os estudantes tiveram uma maior interação uns com os outros, o que não acontecia com frequência. Além disso, a dedicação em fazer com que os fanzines ficassem bonitos e elaborados, demonstrou o sentimento de pertencimento e a responsabilidade com a eletiva.

⁵O fanzine, é um pequeno panfleto em forma de revista em que você representa por meio de imagens e pequenos textos aquilo que considera importante na temática que quer trabalhar, sendo ele feito totalmente artesanal e simples de fazer em casa com materiais de fácil acesso.



O intuito de realizar atividades que colocassem os estudantes para produzirem com os conhecimentos adquiridos e refletidos surgiu da necessidade de romper com a pedagogia impositiva e conteudista que desde sempre, cerca o ensino da Sociologia. A pedagogia histórico-crítica nos auxiliou nesse processo, na medida em que é uma mediação de ensino que tem por propósito dinamizar e problematizar as contradições das temáticas e assuntos abordados no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, buscando despertar neles uma visão reflexiva e crítica, chamado também de Catarse, assim os levando a prática social dentro e fora da escola (SILVA, 2019). Por esse motivo, tanto a produção de fanzines quanto a produção de cartazes geraram uma comoção no qual precisavam unir-se e falar acerca dos assuntos trabalhados, tiveram que aprender a produzir em conjunto, o que até então era um fato complicado para todos eles e acabou se tornando um dos pontos mais positivos, como explanado por eles mesmos no projeto de culminância.

Outra questão bastante importante da prática e do cotidiano da eletiva é perceber o quanto esse itinerário é utilizado de maneira deturpada e preconceituosa. Na escola a maior parte das eletivas oferecidas eram de aulas práticas, e quase não tinham embasamento teórico. Acontece que, mesmo com essas eletivas fornecendo um momento “lúdico”, muitos estudantes ficaram fora desses espaços por não acreditarem na relevância destas, sendo relatado por eles e observado pelas estagiárias. No horário que correspondia as eletivas, muitos alunos faltavam as aulas/encontros para ficarem noutros ambientes da escola que não fossem as salas de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

2. A Sociologia Emancipadora: um diálogo acerca da sua importância na educação básica

O ensino de Sociologia apesar de pouco valorizado dentro do sistema educacional capitalista, possui a árdua função de ensinar sobre a sociedade, a cultura, a diversidade, a política e variadas temáticas que são de extrema importância para a formação dos estudantes, não só para os espaços de trabalho, mas na própria vivência social. Discutir temas que são, muitas vezes, a partir de uma moral conservadora classificados como “sensíveis para o ensino com jovens” se impõe sobre os currículos definindo o que é fundamental enquanto aprendizado científico na formação dos estudantes e romper com isso se torna o papel da sociologia na



medida em que esta surge para incomodar; ou seja, desnaturalizando o que nos é imposto na sociedade:

Assim, descobrimos que somos responsáveis pela nossa própria aprendizagem e que temos condições de relacionarmos com educação uns com os outros, e o aluno tem a possibilidade de descobrir que é responsável por sua própria maneira de aprender e que tem condições de interagir com seu grupo e com o professor, passando a vê-lo como um orientador que não tem todas as respostas prontas, mas que está disposto a auxiliá-lo no processo de aprender. (GUADAGNIN, p. 2, 2018)

É perceptível, mais uma vez, a necessidade da Sociologia nas escolas de educação básica, com a disciplina pode-se aflorar a reflexão, criticidade, ser político que existe dentro do aluno, mostrando que pode transformar o mundo da maneira mais propensa a melhorar a sociedade.

O sucateamento da educação que vem se dando desde a implantação do novo ensino médio nas escolas públicas, denota uma realidade de investimentos que buscam formar pessoas unicamente para o mercado de trabalho, com mão de obra barata e disfarçada de “qualificada”. Esta escola que não busca a emancipação do estudante, gera meros “peões” que não possuem consciência social ou política. Por isso que, lutar para que a Sociologia permaneça no currículo é lutar pela formação integral dos sujeitos escolares, estimulando o senso crítico dos indivíduos que a escola seja um espaço de diálogo e não um ambiente reprodutor de violências.

Ademais, a Sociologia é a ciência que fará com que o estudante compreenda a si mesmo e ao mundo. Se há, de fato, um ideal de “protagonismo”, “projeto de vida”, “formação cidadã”, que este não seja apoiado apenas em concepções econômicas, como elaborado no Currículo da Paraíba:

Nesse contexto, define-se a formação para o trabalho como um dos pilares desse processo de desenvolvimento e transformação individual e social, integrando de forma relevante as atividades desenvolvidas durante o Ensino Médio. Sendo assim, esta Proposta Curricular se apresenta como um documento norteador que busca indicar caminhos, que não são estáticos, podendo variar de acordo com cada escola, território, vivências, refletindo como, desde uma perspectiva curricular é possível impulsionar uma maior vinculação entre o que se aprende nas salas de aula e o que se vivencia ao longo da vida, principalmente quando inseridos no mundo do trabalho. (Seção “1.2.3 ENSINO MÉDIO E SEUS SUJEITOS NA PARAÍBA”, p. 27)

No que diz respeito aos temas que são geralmente considerados tabu no currículo escolar a Sociologia tem um lugar de fala importantíssimo para o diálogo sobre e com essas temáticas, entre elas: Gênero, sexualidade e Identidade. Na proposta da Eletiva mencionada, a Sociologia



trata de uma categoria que é ignorada no âmbito familiar, político, religioso e principalmente escolar. É por esse motivo que, vem sendo sucateada e erroneamente interpretada por entender a diversidade, o respeito, o diálogo e mais do que nunca, todas as subjetividades do indivíduo.

Deste modo, a educação sociológica rompe com o que é estruturalmente posto. É o que comumente chamamos na área de “desnaturalização”, que incomoda quem não entende este processo libertário. Logo a Sociologia, no ensino médio, ao buscar analisar no cotidiano escolar e no currículo as questões para além dos tabus, torna-os temáticas que confrontam a massa conservadora que tomou conta da educação após o Golpe que destituiu a Presidente Dilma em 2016; tornando-se, nesse contexto, essencial para formação dos indivíduos e das juventudes no novo ensino médio. Uma vez que esse modelo de educação tem sucateado ainda mais a educação libertadora, o papel da Sociologia em despertar o senso crítico dos alunos se torna imprescindível.

É nessa perspectiva que a Sociologia é uma das saídas para o enfrentamento da desmotivação dos estudantes com educação escolar, ao mostrar que a análise e conhecimento a sociedade tem o poder de romper com o sistema desigual, injusto e meritocrático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar Sociologia em um contexto brasileiro de desmobilização política, descredibilização da ciência e conservadorismo, é um dos maiores desafios que a área enfrenta nos últimos anos. E isso se reflete diretamente no fazer sociológico de tantos pesquisadores que se debruçam sobre os fenômenos sociais. É preciso entender que essas dificuldades afetam não só a ciência, mas também a formação do indivíduo de compreender que a Sociologia tem um papel fundamental na sociedade, e este não pode ser ignorado.

Trabalhar sobre Gênero, Sexualidade e Identidade, por sua vez, é se deparar com uma realidade desgastante em que os alunos não possuem conhecimentos científicos sobre as temáticas, se atendo sempre aos estigmas que a sociedade com frequência reproduziu, ao modo que a eletiva veio para apresentar uma nova visão de mundo para os estudantes.

O tema da eletiva tenha sido ofertado pelo atual contexto de reforma tanto já implantado em escolas integrais e agora com a reforma do novo ensino médio, sabemos que esses assuntos podem ser discutidos dentro de sala de aula pelos professores/as, cabendo a eles/as entenderem



a necessidade da temática dentro da escola para derrubar as barreiras que os alunos venham a enfrentar desnaturalizando aquilo que lhe foi posto durante a vida como “correto” e comum e convidando-os a refletir.

É imprescindível que a nova geração de professores e também da educação que se forma a partir da realidade em que vivemos entenda a importância da temática não só para autoconhecimento, mas também para conter os danos e os potenciais preconceitos que são construídos no locus da escola. A escola deve ser vista como um espaço de abertura para que não só a gestão, os professores e os servidores se sintam livres para serem quem são, mas como também os alunos. Estes não podem ser privados de aprender sobre o que de fato vivem na realidade social pelo preconceito instaurado no velho modo de fazer educação.

O fazer sociológico é muito além de transposição de conteúdos, é mais uma vez, centralizar o aluno dentro de seu próprio mundo e fazê-lo perceber que, seus conhecimentos e suas criticidades são capazes de movimentar todo um sistema machista, homofóbico, racista e outros. Por isso, mesmo que a eletiva esteja centralizada em um modelo neoliberal e conservador, ainda assim, a Sociologia encontra nestes obstáculos um motivo para fazer com que o sistema mude, além de realizar seu grande papel de incentivar o/a aluno/a transformar seu pensamento para também mudar a sociedade, mesmo que aos poucos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2017.

Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 28 de jun. 2023

LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e educação**. Disponível em: <Gênero, Sexualidade e Educação - uma perspectiva pós-estruturalista - Guacira Louro.pdf (usp.br)>. Acesso em: 28 de jun 2023



GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

Acesso em: 28 de jun de 2023

GUADAGNIN, Sonia Mara Sides. **O ENSINO DE SOCIOLOGIA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE**. TCC UNINTER , São Paulo, 2018.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Acesso em: 28 de jun 2023

HEILBORN, Maria Luiza. **De que gênero estamos falando?**. Disponível em: <Microsoft Word - DE_QUE_GNERO_ESTAMOS_FALANDO (clam.org.br)> Acesso em: 28 de jun 2023

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PARAÍBA, Governo. **Proposta curricular do ensino médio**. Disponível em: <https://pbeduca.see.pb.gov.br/p%C3%A1gina-inicial/propostas-curriculares-da-para%C3%ADba> . Acesso em: 27 de jun. 2023

SILVA, Michel Gustavo. **A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: ESTUDANDO CONCEITO DE CIDADANIA A PARTIR DA PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/202651>. Acesso em: 28 de jun 2023.